

A contabilidade como ciência cultural.

Considerações sobre o conceito doutrinal de Carlos García-Casella.

Accounting as cultural science.

Considerations on the doctrinal concept of Carlos Garcia-Casella

Rodrigo Antônio Chaves da Silva

BRASIL

N/E. Con motivo de la reciente desaparición del maestro Carlos Luis García Casella, miembro de nuestro Comité Científico Internacional desde 2010, presentamos este trabajo de nuestro autor invitado Rodrigo Chaves da Silva, como homenaje de esta revista y de la academia contable de América Latina, a la vida, obra y memoria del gran maestro argentino. Honor y Gloria.

Resumo: As definições de contabilidade durante a sua história gnosiológica foram muitas, todas surpreendentes, mas de maneira singular se destaca na doutrina de Carlos García-Casella um conceito de contabilidade como ciência cultural. As bases do grande mestre latino-americano estão presentes, especialmente, na filosofia de Mario Bunge. O objetivo desse artigo é trabalhar esta conceituação da ciência contábil em ótica caselhiana de maneira a destacarmos este conceito rico desta disciplina milenar.

Palavras-chave: teoria contábil; contabilidade; ciência cultural; conceito caselhiano.

Abstract: the definitions of accounting throughout its gnoseological history were many, all surprising, but in a singular way, the concept of accounting as cultural science stands out in the doctrine of Carlos Garcia-Casella. The bedrocks of the great Latin American master are present especially in the philosophy of Mario Bunge. The objective of this article is to work on this conceptualization of accounting science from Garcia-Casella's perspective to highlight this rich concept of this ancient discipline.

Keywords: accounting theory; accounting; cultural science; casellian concept.



Rodrigo Antônio Chaves da Silva es Contador, especialista em Gestão Econômica das Empresas, professor universitário, consultor, conselheiro fiscal, perito judicial, membro da escola do neopatrimonialismo, e do clube de Balanced Scorecard da Argentina. Ganhador dos prêmios internacionais de história da contabilidade (2007/2008), e análise financeira (2008/2009), prêmio internacional Rogério Fernandes Ferreira (2011). Professor visitante da Universidade de Huelva (2017), Pablo de Olavide (2017), Sevilla (2017), acadêmico imortalizado pela ACLA de Manhauçu, membro imortal da Academia Mineira de Ciências Contábeis, escreveu 400 artigos e 27 livros de contabilidade editados pela Juruá Editora y otras editoras. Criador de la escuela Ratiocinandi Scientia a ser divulgada virtualmente.

Contacto: rachavesilva@yahoo.com.br



La contabilidad como ciencia cultural.

Consideraciones sobre el concepto doctrinal de Carlos García-Casella.

Resumen: Las definiciones de contabilidad a lo largo de su historia gnoseológica fueron muchas, todas sorprendentes, pero de manera singular, el concepto de contabilidad como ciencia cultural se destaca en la doctrina de Carlos García-Casella. Los cimientos del gran maestro latinoamericano están presentes, especialmente, en la filosofía de Mario Bunge. El objetivo de este artículo es trabajar esta conceptualización de la ciencia contable desde la perspectiva de García-Casella para poner de relieve este rico concepto de esta antigua disciplina.

Palabras clave: teoría contable; contabilidad; ciencia cultural; concepto caselliano.

Introdução

Muitas foram as definições de contabilidade todas elas prevalentes de diversos doutrinadores e intelectuais dessa disciplina, inicialmente concebida como um sistema de contas e de registro (Manzoni, Stevin, Degranges), ciência que estuda as contas (Cripa, Bornaccini, D'Anastasio), ciência do capital e suas variações (Costay e Coffy), a ciência da riqueza (Villa), a ciência da harmonia social (Cerboni, Rossi), ciência do controle (Besta, Alfieri, Rigobon, Ghidiglia), ciência da informação (Zappa, Amaduzzi), ciência da gestão (Cecherelli, Onida, Olavo do Nascimento), ciência dos custos ou do lucro (Schmalenbach, Hoffman, Schmidt, Koliver), e ciência do patrimônio (Masi, Pirla, Peña) ou do fenômeno patrimonial (Júnior, Lopes de Sá, Amorim, D'Auria, Franco, Viana, Nascimento). Para cada um desses conceitos, se justificou uma doutrina, ou um tipo de interpretação específica, criando assim uma linha de diversas teorias contábeis, e ao mesmo tempo escolas de pensamentos (as do contismo, materialismo substancial, personalismo, controlismo, aziendalismo, neocontismo, informacionismo ou pragmatismo, neorelevacionismo, patrimonialismo, neopatrimonialismo, multidimensionalismo, positivismo contabilístico, positivismo univérsico, positivismo jurídico como as mais importantes e principais).

Todas as doutrinas existentes em contabilidade foram importantes para se produzir um tipo de essência teórica. Se a teoria é o corpo da ciência, a doutrina é a alma da teoria, logo, tivemos, obviamente, uma espinha dorsal doutrinária que consideramos a mais correta sem sombra de dúvida, ou em termos poperinianos a menos falha (Pooper, 1978). Mas todas as contribuições se fizeram base para o arcabouço régio da nossa sabedoria superior a elas devemos a apropriação do princípio unificador de nosso conhecimento (D'Anastasio, 1803; Cripa, 1838; Bornaccini, 1818; Cerboni,



1886, 1894; Rossi, 1882; Besta, 1922; Zappa, 1950, 1957; Amaduzzi, 2002; Cecherelli, 1950; Onida, 1951; D`Auria, 1949; Pirla, 1965; Franco, 1950; Sá, 1965, 1992, 1999; Viana, 1971; Nascimento, 1989; Poisl, 1996; Carqueja, 1987).

Os latinos americanos não fugiram da urdidura, sendo, pois, as primeiras doutrinas contábeis, e senão a maior escola de pensamentos contábeis do mundo ter surgido no sul da América, no Brasil. A se destacar como doutrina primária tivemos o positivismo de Francisco D`Auria, (1949, e ainda, atualmente o neopatrimonialismo de Antônio Lopes de Sá, 1992), como doutrina, escola e corrente atuante. Tirando essas duas correntes, tivemos também diversas contribuições doutrinárias interessantes, que procuravam elaborar um conceito de contabilidade.

A doutrina para nós é reconhecida com uma teoria especial que procura interpretar a teoria da ciência (Sá, 2000; Ferreira-dos Santos, 1962, V. I a III), ou mesmo dizendo um tipo de conteúdo interpretativo, teórico, disposto ao ensinamento (Reale, 2002, 2007), que se aproxima de uma filosofia da ciência, por ser um conhecimento do conhecimento (Sá, 1999).

Obstante toda esta explicação, há pontos de vistas conceituais de doutrina como uma interpretação de um doutrinador (Silva, 2012), ou seja, não a produção de uma teoria ampla ou especial, todavia, uma interpretação importante faz do autor um doutrinador (Hugon, 1976), desde que tenha concebido uma visão de domínio dessa ciência, ou de seu conceito (Diniz, 1982). Nisso igualmente perfaz a doutrina e se reconhece os grandes intelectuais da nossa profissão.

Uma dessas interpretações doutrinárias interessantes de serem concebidas, a qual merece destaque, é a do emérito professor Carlos García-Casella, jubilado catedrático e decano da Universidade de Buenos Aires, cabeça da escola argentina de contabilidade junto com o emérito professor Mario Biondi. Em sua definição García-Casella *concebe a contabilidade como uma ciência cultural, ou mesmo dizendo um tipo de cultura*. Uma ciência ampla, que faz parte da sociedade. Para ser ciência ele justifica sua posição com bases em Bunge, e logo a fomenta como uma ciência vasta e cultural, pelo fato de estar presente sempre na história humana e no devir dos povos

O professor Carlos García-Casella tem sua obra reconhecida em solo americano e mundial, sendo o que mais orientou teses em solo argentino, e um dos professores acadêmicos de maior prestígio atual, com um conjunto de obras e artigos que fazem prevalecer uma doutrina específica da contabilidade, e, portanto, seu caráter como doutrinador.

O objeto desse artigo é o conceito de ciência contábil na ótica do emérito professor Argentino, procurando perfazer as minúcias de seu pensamento,



e ainda, como ele se descreve, e quais são as consequências de sua definição. Sobretudo, o objetivo é traçarmos estudos gerais sobre a conceituação do aludido acadêmico em torno da contabilidade, ou explorarmos a sua ideia.

O problema a ser investigado sem dúvida é: qual é, e como se estrutura, o conceito científico de contabilidade na ótica do professor Carlos García-Casella? Esta é a nossa investigação. Já adiantamos pormenores sobre a sua definição, mas mister é aprofundarmos um pouco mais e logo estruturamos melhor o seu conceito para bem respondermos a esta pergunta. Não é necessárias hipóteses porque a pesquisa é nitidamente exploratória. O sentido que vamos investigar é o levantamento desse conceito com base nos artigos do mestre publicados na década de 90 e início do século sobre o tema.

As bases caselhianas de definição da contabilidade

O professor Carlos García-Casella é considerado atualmente um dos mais célebres e atuantes doutrinadores da contabilidade mundial em nível de produção e também de colaboração científica, não apenas em solo argentino, mas solo latino americano; é impossível que um teórico da contabilidade desconheça as suas ideias devido ao vulto de seu pensamento, sendo, pois, juntamente com António Lopes de Sá, seu amigo pessoal, os mais profundos teóricos do conhecimento contábil de Sul América.

As bases do emérito professor García-Casella, se embasam na filosofia do conhecimento, especialmente nos trabalhos do grande epistemológico Mario Bunge. O mesmo mestre considera uma ciência, como um conjunto de elementos, portanto em lógica científica:

$$C = W, S, G, F, D, B, P, K, O, M$$

Cada um desses símbolos no teorema formam o resultado de “C” que é a ciência. Vamos observar a sua explanação. Ele mesmo tece uma explicação detalhada de sua exposição, transcrita por Bunge, todavia, reelaborada para o sentido da contabilidade, todavia, explica primeiro o que, para o gênio epistemológico significaria o teorema em demonstração.

Ele diz que “W é um sistema composto por pessoas que receberam uma educação especializada, e mantêm constantes informações entre si ou continuam uma tradição de investigação” (García-Casella, 1997, p. 18). Logo, as pessoas que aprendem a contabilidade, e conseguem dela extrair uma continua informação, fazendo uma comunidade, e mantendo uma tradição. E para a contabilidade ele expressa muito bem:



Existem, em todo o mundo, contadores que receberam uma educação especializada reunidos em comunidades acadêmicas e profissionais que se relacionam entre si (IFAC – IASC – ISAR – FAPCE – IIC – AIC – IAPUCO – etc.) e que continuam uma tradição de 500 anos (desde Luca Pacioli) ou por menos desde 1840 ou 1850 no início do período científico da contabilidade (García-Casella, 1997, p. 18).

Esta é a primeira simbologia, a segunda o “S é uma sociedade capaz de apoiar e estimular ou, ao menos, tolerar a W” (García-Casella, 1997, p. 18). Assim em contabilidade ele dá o exemplo que há apoio das Nações Unidas, do Banco Mundial, dos grupos normativos, dos conselhos de investigação e outros mais.

O G seria uma base filosófica, um plano de fundo, que Bunge considera em três partes, uma ontologia de objetos dinâmicos, uma gnosiologia concreta, e a ética na busca da verdade, para a contabilidade o mestre bem explica:

- a). Um estudo de coisas dinâmicas como as empresas, organismos de normatização contábil, bens, usuários, serviços, etc.*
- b). Uma teoria do conhecimento contábil que reconhece como reais os objetos que estuda porém atua em sentido crítico, não ingênuo.*
- c). Uma ética da livre busca da verdade não atada ao poder (poder executivo da nação), ao dinheiro (grupos empresariais ou sindicatos, máfias ou milionários), ao grêmio (...) nem ao consenso (García-Casella, 1997, p. 19).*

Nestes três requisitos teríamos a substância filosófica, ou a essência, mas não para por aqui, ele continua dizendo que é o “F é o plano formal de C, é uma coleção de teorias lógicas e matemáticas contínuas” (García-Casella, 1997, p. 20), logo, para a contabilidade “se utiliza um conjunto de teorias lógicas e matemáticas contínuas (...) ainda que, às vezes, em alguns autores, as teorias matemáticas sejam anacrônicas” (García-Casella, 1997, p. 20)

A simbologia D, seria o domínio do universo do discurso, que é composto de entes reais, comprovados e presumidos; para a contabilidade:

O domínio do universo do discurso está composto de entes reais comprovados (transações, empresas, contadores, emissores, usuários, reguladores, informes contábeis) e por entes presumidos (grupos de interesses), todos eles passados (de ontem e antes de ontem), presentes (de hoje), e futuros (de amanhã em diante) (García-Casella, 1997, p. 20).

Ainda temos conforme Bunge transposto por García-Casella B como “o plano de fundo específico de C é uma coleção de informações, hipóteses e teorias contínuas e confirmadas (ainda que não respaldadas) obtidas em outros campos de investigação relevantes a C” (García-Casella, 1997, p. 20). Portanto, para a contabilidade ele assim escreve:



O plano de fundo específico se compõe de informações, hipóteses e teorias contínuas e confirmadas (ainda que não respaldadas), obtidas da economia (teorias do valor, do preço, dos mercados), da administração (teoria da informação, teoria da agência, hipóteses de condutas administrativas), a sociologia (teorias e hipóteses sobre os grupos humanos), a psicologia (teoria dos mecanismos decisórios) (García-Casella, 1997, p. 20).

Omestre argentino coloca uma visão holística de todas as ciências e disciplinas, especialmente aqueles que tem relação com a gestão e a contabilidade.

Continuando a sua posição o "P a problemática consiste exclusivamente em problemas cognoscitivos relativos à natureza (em particular as leis) dos membros de D assim como de problemas concernentes a outros componentes de C" (García-Casella, 1997, p. 21).

Isso ele disse falando sobre Bunge, agora para a contabilidade ele comenta que "estes problemas com a essência da disciplina: se busca a sua solução por meio da investigação contábil no caminho: problema => ley => teoria ou solução" (García-Casella, 1997, p. 21).

Os problemas para ele se relacionam com a natureza da atividade contábil, aqueles que terão relação com o trabalho do contador, profissional, e mesmo o trabalho científico. O professor ainda oferece um esquema para entendimento da questão ontológica e do conhecer de maneira a se formular as leis e normas contábeis. Ele perfaz uma conotação entre o contabilizado, a conta, e o contabilizador, ou melhor dizendo entre "o contador, o contabilizado e o contabilizador" (García-Casella, 1997, p. 21).

Na sua explanação de K ele entende como fundo de conhecimentos, ou seja, o conjunto de teorias, hipóteses e informações comprovadas pelos contadores em tempos anteriores, ou seja, um conhecimento científico daquela determinada disciplina. Ele muito bem explicita:

Uma coleção de teorias contábeis, hipóteses contábeis, leis contábeis e informações contábeis atuais compatíveis com a coleção respectiva obtida da administração, da economia, da sociologia, e da psicologia, e obtida por investigadores contábeis desde Luca Pacioli ou, ao menos, desde 1850, ano no qual começa o período científico da contabilidade (García-Casella, 1997, p. 22).

Usando a base bungeniana coloca os objetivos como fundamentais para o domínio (D) a serem refinadas no método. Todas as ciências (C) tem finalidades: "Seus objetivos ou finalidades incluem o descobrimento ou leis (hipóteses confirmadas) da atividade contábil, a sistematização (em teorias) das hipóteses sobre esta atividade e o refinamento de métodos ou procedimentos de investigação contábil" (García-Casella, 1997, p. 22).



Por terminar a sua explicação teórica ele perfaz o M que consiste nos métodos, ou na metódica de C, ou seja, os “procedimentos escrutáveis (examináveis, a serem analisados, criticáveis) e justificáveis (explicáveis)” (García-Casella, 1997, p. 23).

A metodologia ou metódica (de uma forma mais filosófica) para o nobre mestre estaria, pois, nas seguintes condições:

- a) Examináveis
- b) Analizáveis
- c) Criticáveis
- d) Explicáveis

Logo todo o método tinha que ter estas condições para pois manter uma qualificação científica. Portanto, em resumo o seu teorema pode ser por nós repetido e explicado uma vez mais:

$$C = W, S, G, F, D, B, P, K, O, M$$

Sendo:

C = a ciência

W = a comunidade profissional

S = reconhecimento social

G = fundo filosófico em visão geral

F = forma filosófica

D = Domínio do universo do discurso em gnosiologia, ontologia e ética

B = conhecimento específico ou plano de fundo específico

P = problemática

K = fundo de conhecimentos ligados à área feito pela comunidade dos seus pesquisadores

O = objetivos ou finalidades

M = metódica

Estes são os requisitos gerais para uma ciência, na ótica bungeniana que o mestre se embasa, todavia, ainda não entramos no transcurso da sua definição. Foi assim que o mestre García-Casella repete a dose considerando, pois, a contabilidade como uma ciência, todavia, com as mesmas bases filosóficas.

Usando este esquema muito bem organizado define primeiro a ciência, depois a contabilidade como ciência, apelando para o fato de se ter uma consideração mais holística na sociedade e também pelo fato de possuir um corpo teórico profundo.



Muito parece com a sua definição como ciência, a de diversos brasileiros como Hilário Franco¹ (1950), e António Lopes de Sá² (1994), embora estes privilegiassem mais a questão da estrutura teórica específica, e dos quesitos para uma disciplina, do que necessariamente esta condição mais geral do reconhecimento até social da mesma ciência.

As bases do mestre García-Casella foram diferentes, todavia, os conteúdos são praticamente iguais à dos mestres brasileiros, mais aproximada com a de Lopes de Sá, o que nos faz dizer que há um princípio unificador e uma áurea cultural que permite destaca-lo em todas as esferas do conhecimento; pelas qualidades de uma disciplina que conseguimos inteirá-la como gnose superior, e portanto, à vista dos grandes mestres o emérito decano García-Casella assim o faz expondo a sua concreta e grandiosa colaboração para o conceito geral da contabilidade na literatura mundial.

A definição de contabilidade conforme o emérito professor García-Casella

Para o mestre mesmo com uma disposição específica, a contabilidade seria uma ciência mais ampla do que necessariamente uma ciência da informação, ou da empresa, embora reconhecido o seu valor patrimonial nas aplicações contábeis que ele define: "Sustentamos que a Contabilidade estuda fatos humanos³ e da natureza⁴ e por isso a incluímos no grupo das ciências factuais, junto à Economia, a Sociologia, a Psicologia, a Biologia, e outras mais" (García-Casella, 1997, p. 25).

A contabilidade tem uma natureza social, e portanto, sua função é gerar o bem estar da sociedade (García-Casella, 2012), e como estuda os fatos, não deixa de ser ciência factual, e como serve concretamente para o homem, ciência aplicada.

¹ Na sua tese sobre os "Fundamentos científicos da contabilidade" o mestre Hilário Franco coloca a posição da contabilidade com base em Thompson, Masi, Chaley, dizendo que a contabilidade tinha uma metodologia, um método de registro, e estudava os fenômenos patrimoniais em causa e efeito, portanto era uma ciência porque tem técnicas, método, metodologia, leis científicas, e objeto. Fizemos um trabalho sobre este assunto, uma revisão teórica igualmente (Silva, 2013).

² O professor Lopes de Sá, com pesquisa feita com os seus alunos da Universidade de Minho destacou que a contabilidade seria ciência por diversos fatos entre eles: possuir uma história e tradição científica, ter método próprio, objeto, finalidade, estudo sistemático, metodologia, capacidade de prever o futuro, capacidade de produção teórica, etc. Essa forma de requisitos em muito se assemelha com a do professor Casella, embora tenha sido severamente criticada por um autor colombiano (Duque, 2004), fato que deixamos para responder em outra oportunidade.



Ele dizia também o mais comum em contabilidade e tradicional seria o estudo do patrimônio, ou seja, “se faz patente a existência de uma informação qualitativa e quantitativa da gestão de uma empresa, num período determinado através de diversos componentes” (García-Casella, 1997, p. 26). Por isso ele defendia a contabilidade como a “linguagem dos negócios”, mas haveria as entidades sem fins lucrativos, logo, nossa ciência deveria se adaptar aos contextos maiores.

A contabilidade então seria ciência para o mestre, caracterizada como:

Aquela que se ocupa de explicar e normatizar as tarefas de descrição, principalmente quantitativa, da existência e circulação de objetos, fatos e pessoas diversas de um ente ou um organismo social e da projeção dos mesmos tendo em vista o cumprimento das metas organizacionais através dos sistemas baseados em um conjunto de supostos básicos (García-Casella, 2000, p. 2).

O mestre repete esta colocação, quando vai tratar da contabilidade como ciência factual, cultural e aplicada (García-Casella, 2004; 2007; 2011; 2008). Confirma que a contabilidade estuda os fatos humanos, da natureza e por isso seria uma ciência factual e não ciência formal, no sentido, de ser apenas um mecanismo de informação. Portanto, para o mestre temos, pois, a definição da contabilidade em sete pontos fundamentais:

³ *Cabe aclararmos o que seriam os “fatos humanos” que o mestre Casella expõe, não quer dizer que a contabilidade estuda pessoas, ou é personalista, se assim fosse estaríamos retrocedendo no tempo na teoria pseudo-personalista de Pacioli, ou mesmo no personalismo de Marchi, Cerboni e Rossi, e sim, que os fatos patrimoniais são produzidos por pessoas, assim as condições sociais, psicológicas, emocionais, e humanas refletem em fatos patrimoniais e estes são estudados pela nossa ciência. Os seres humanos que fazem e produzem patrimônio e economia. Em outras palavras, os seres humanos são causas agentes. E nisso, a contabilidade também tem a sua função social, porque se estuda os fenômenos patrimoniais derivado das ações humanas, eles têm cunho social também, fazendo o nosso saber ter natureza aziendal-social.*

⁴ *Outra informação se deve dar sobre os “fatos da natureza”, aqui o mestre alude às causas ambientais e aos efeitos no meio ambiente. Assim uma tempestade gera fenômenos patrimoniais, uma intempérie vai promover alterações na produtividade das empresas, ou mesmo uma geada numa empresa rural vai fazer sobrevaler a perda patrimonial. Se tenho uma plantação e ocorre uma chuva torrencial é claro que haverá perdas e prejuízos, e os fenômenos são da natureza, e não da administração ou da gestão, ademais geram perdas patrimoniais, e sobretudo danos negativos ao patrimônio. Este são os “fatos da natureza” que ele se refere que estudemos. Sempre prevalece os nossos estudos patrimoniais, todavia, as causas podem ser fatos do meio ambiente, por isso, as condições do entorno que o mestre chama de “fatos da natureza”.*



1. A contabilidade é uma ciência factual: certa, certa e objetiva, aquela que vai estudar devidamente os fatos.
2. A contabilidade é uma ciência que estuda fatos humano-sociais: os fatos das empresas e das entidades sem fins lucrativos são provocados pelos seres humanos que compram, vendem, recebem, pagam, investem, consomem, gastam, recuperam, etc., portanto, aqui temos, pois, uma natureza social em argumentação, mormente, a contabilidade seria da sociedade e do homem.
3. A contabilidade estuda os fenômenos da natureza ambiental: há fatos que vem do meio ambiente e geram fenômenos patrimoniais, por tal, a contabilidade não deixaria de estudar as relações dessa causa agente.
4. A contabilidade é uma ciência que informa: Ela informa e descreve os fatos, claro que para ser ciência tem que explicar estes dados, para assim fazer entender o seu objeto.
5. A contabilidade é aplicada: por isso tem tecnologias e técnicas, ela permite utilizar o seu conhecimento para o bem do homem.
6. A contabilidade é social: A ciência contábil procura no seu conhecimento garantir o bem-estar das pessoas, então, uma ciência social, e também pelo fato de suas aplicações visarem a felicidade e o bem-estar humano.
7. A contabilidade é uma ciência cultural: Ou seja, ela vem da cultura humana e produzida para influenciar o bem-estar dos seres humanos, logo, a contabilidade é uma ciência social bastante vasta que no estudo da riqueza permite se entender não como mero conhecimento ou mera técnica, mas uma cultura.

Logo, a contabilidade é ciência, conforme o mestre, factual, aplicada, social, e acima de tudo uma ciência cultural, eis o cerne do *defnidum* de sua conceituação (Hegenberg, 1974). A contabilidade permite o bem da sociedade e sua natureza é cultural.

Esta mesma visão aponta diversos pontos gerais de nossa investigação:

- a) A contabilidade é uma ciência factual
- b) A contabilidade é uma ciência aplicada
- c) A contabilidade é uma ciência social
- d) A contabilidade é uma ciência cultural

Assim com a evolução da sociedade a contabilidade não deixa de prover o seu potencial como ciência social, esta mesma visão tinha mais quando aponta a consideração da contabilidade com o crescimento da cultura.



A contabilidade permite então a prosperidade dos povos e dos homens por meio da aplicação do seu conhecimento, beneficiando a sociedade, através de seus elevados saberes, formando uma cultura.

A cultura pode ser definida de várias formas: um conceito mais geral é o que estabelece dentro da raiz de sua palavra “*cultus*” e “*cultivus*” que nada mais que é o conjunto essenciais de costumes e práticas evoluídas de uma sociedade construída por milênios (Ferreira-dos Santos, 1955). Ou dotação social provinda de um “culto”, isto é, da religião. A origem do termo é religiosa, e na idade média produz uma derivação de práticas exercidas, ou experiências e tratamentos cultivados. Porém, há culturas arcaicas e civilizadas (Ferreira-dos Santos, 2012). As primeiras se caracterizam pela ausência de obras, as segundas pela capacidade de raciocínio, produção e investigação. Pelo poder científico e filosófico. No caso, a civilização é o advento da cultura mais formal e muito mais evoluída, da busca da essência do ser humano pela razão. Esta é a condição natural da cultura, e como tal as ciências surgem dessa evolução cultural. Especialmente a contabilidade, mesmo sendo ela presente até no instinto humano (Sá, 1997).

Desde o início a contabilidade está presente na mente do homem, que desenhava os principais fatos para bem denotar que havia uma riqueza a ser administrada pelas famílias (Sá, 1961), logo, o conceito de “domínio do pai” que vem de patrimônio (Masi, 1962; Monteiro, 1968), aquela riqueza para a prole - e aqui a raiz do termo “proletário”, ou seja, aquele que deixa o patrimônio para a sua “prole”, para os seus, daqueles que tem filhos que deixam para estes, a riqueza com o seu trabalho humano, visando multiplica-la.

Ele discorda da colocação como técnica, que é muito mais defendida por Hugo Arreghini, tanto assim faz que discorre um artigo sob o nome de “diálogo” para bem fazer uma discussão amistosa sobre o conceito (García-Casella, 2011). Para Arreghini não é ciência. Mas ele fala que o é, pelo fato de possuir o corpo teórico, e por estar dentro da cultura evoluída. Portanto, discorda que ela seja uma serva da economia (García-Casella, 2005), e ainda, discorda que ela seja apenas técnica, mas reconhece que como ciência tem a sua parte aplicada, tecnológica, e técnica concomitantemente.

Percebe-se que a visão do mestre García-Casella é bastante proveitosa, profícua, e também bastante respeitosa: ele sabe discutir com os que discordam do seu ponto de visão contábil, mas acima de tudo mestra as suas razões, como vemos em seus trabalhos nos quais apresenta discordância sobre a não ciência contábil, e pensamentos esdrúxulos sobre o conceito desta ciência.



Neste sentido, entendemos claramente que para o mestre, mesmo para os mais céticos da qualidade científica da contabilidade, ele consegue pôr o seu ponto de vista de uma maneira muito educada, ou seja a contabilidade realmente é uma ciência cultural, porque vem da sociedade, e para a sociedade, e porque ela produz o seu conhecimento, logo, é um conjunto de elementos sociais que formam a contabilidade junto a estes elementos cognitivos, racionais, e teóricos, que ela presta a sua utilidade e aplicação. É nestes pontos que perfaz o seu pensamento, portanto, a contabilidade é uma ciência cultural.⁵

O conceito caselhiano de contabilidade como ciência cultural com relação a outros autores (breve análise)

Como comentamos anteriormente, a esfera cultural que invade os contadores não faz diferir o nível das descobertas, portanto, a imensa qualidade que vemos em cada uma de suas colocações e o respeito ao princípio unificador da qualidade científica da contabilidade.

A visão do ilustre mestre argentino é muito parecida com a do professor Hilário Franco que dizia que a contabilidade tem o seu fundamento científico, porque estuda um objeto, produz leis e teorias, e é contra a semi-tese, pontos fundamentais para tecer por meio de sua metodologia seu conhecimento (Franco, 1950).

Por outro lado, o mestre Lopes de Sá (1999), também garante que a contabilidade é uma ciência, conforme posição muito parecida com a do seu teorema, porque possui metodologia, objeto, finalidades, tradição cultural, história, teoria própria, leis próprias, capacidade de explicar, informar, e interpretar, e potencial em prever o futuro.

Esta mesma base não foge do mestre García-Casella que procura na contabilidade um fundo de conhecimentos científicos e filosóficos, que estuda objetos, tem problemas, tem teorias, tem informações a serem prescritas, e ainda uma metódica.

⁵ *A visão do emérito mestre Casella em muito se parece com a posição de um dos mais nobres patrimonialistas do Brasil, o professor Erly Poisl, que perfaz sobre a natureza da contabilidade, como ciência humana, social, e cultural, claramente, todavia, acreditamos que sem conhecer as obras e os artigos do emérito professor argentino. Em sua obra o mestre gaúcho expõe claramente: "Desde sua instituição como ramo do conhecimento humano, a contabilidade tem se mostrado útil e insubstituível na tarefa de avaliar o patrimônio como um dos componentes a integrar as atividades humanas" (Poisl, 1996, p. 125). Escreve: "A Contabilidade é uma ciência humana ou aplicada" (p. 49). Logo, a reconhece como uma das ciências humanas e sociais mais importantes para o benefício da sociedade.*



Esta mesma visão é masiana, não foge do conceito caselhiano de contabilidade, pois, para o mestre de Bologna a contabilidade é uma ciência também cultural, com história, lógica, e doutrina, pois logo, uma ciência e ainda uma cultura.

Para os italianos em geral a visão patrimonial e aziendal perfaz uma cultura, isto é, se entende mais que uma mera ciência, ou um mero conjunto de teoria, para um conteúdo mais avantajado, filosófico-social, ou seja, algo que não sai da sociedade, que foi construído pela mente humana nos seus fundamentos, que gerou a maioria dos termos que entendemos, portanto, a visão aziendalista para os italianos, e o contexto patrimonial é um aspecto notadamente cultural. Nisso o mestre García-Casella se iguala com os grandes autores do mundo.

Sobre a condição da contabilidade como ciência não deixa de colocar os pontos de visões éticos e ainda, sociais que estão nos interesses deste conhecimento.

Primeiro a contabilidade deveria respeitar a igualdade humana e ainda a sociedade, ou seja, ajudando a concretizar uma política econômica mais social e auxiliando os agregados de seres humanos (García-Casella, 2007, p. 47), logo, não poderia haver contabilidade para ajustes de interesses muito menos para especulação desenfreada, mas para a gestão e uso das riquezas para o homem. Não seria a contabilidade para o economicismo mas para o “bem estar social”, e não a reduções “à sua medição em moeda” (García-Casella, 2007, p. 46).

É uma definição parecida com a do positivismo de D`auria (1949) no sentido de amplitude, embora para o mestre paulista havia a *contabilização universal*, para o mestre argentino existe o universal no pensamento específico de contabilidade, abrangendo a cultura. Na corrente dauriana, a contabilidade na sua demonstração tradicional poderia ser estendida universalmente, de modo literal. D`Auria cria a *contabilidade pura, universal*, ou sua *teoria positiva*. Para García-Casella a contabilidade se estende ao aspecto cultural, na sua especificidade, na sua ciência.

O positivismo dauriano prega o registro de fatos e pessoas, logo, a sistematografia, e para a contabilidade haveria também a sistematologia, pois, ela somente era sistema, e de revelação. A contabilidade seria o sistema em si, a supremacia da sistemática, a mesma visão muito se parece com a do professor Rafael Franco Ruiz da *contametria*⁶, só que aqui mais para uma metrificacão, ou medição de contas de diversos fatores sociais e culturais, que uma sistematologia.



Por outro lado, quando fala que a contabilidade vai registrar todos os fatos, entendemos também que muito se parece com a extensão positiva de Dumarchey que analisa a conta a toda uma classe de valores patrimoniais, todavia, universalizando-a no contexto de patrimônio. Especialmente na sua classe matemática. Ao mesmo tempo, entendemos esta disposição como fundamental para o entendimento da teoria de García-Casella e sua definição, visto que ele tenta criar uma teoria geral da contabilidade financeira, ou melhor dizendo uma teoria geral do levantamento contábil.

Assim sendo a teoria positiva dumarcheniana é praticamente uma mesma coisa, com uma diferença básica, para García-Casella a questão numérica é fundamental para as contas, e para Dumarchey a questão das contas que é fundamental para se entender os números, estes no aspecto patrimonial. É nestes pontos de visões que diferem basicamente. Mas para Dumarchey a contabilidade é uma ciência das contas, ou uma extensão das contas, e para García-Casella a contabilidade tem a sua parte contabilística numa teoria geral, contudo, é uma ciência cultural, um conjunto de conhecimentos que se expressa nas contas e números, mas não se atém a eles, mas nas aplicações, e no bem da sociedade prevalecendo o bem-estar humano.

Conclusões

Primeira conclusão que tiramos é que para que García-Casella disponha do melhor conceito de contabilidade, ele se embasa na epistemologia de Bunge, e cria um teorema inspirado por ele, que a ciência é um conjunto de grupos específicos, sociais, que proclamam aquele saber, o qual possui objeto, objetivos, metódica, problemas, teorias, e informações, com isso conclui que a contabilidade é uma ciência, não fugindo da visão dos grandes mestres da doutrina contábil.

⁶Esta visão foi magnanimamente defendida no Congresso Internacional da obra de Antônio Lopes de Sá, na Universidade de Buenos Aires, no ano de 2018, em agosto, o qual tivemos a honra e o prazer de estarmos presentes. O mestre Franco deu uma visão do que seria a sua teoria contamétrica, que é a colocação da contabilidade para medir aspectos universais, como o conhecimento, a cultura, as pessoas, a sociedade, e assim por diante. A visão de D`Auria em 1949 transmitia o mesmo ponto de vista: para o mestre paulista, a contabilidade deveria registrar os mesmos elementos, todavia, de modo mais universais, mas não esquecendo dos aspectos de demonstração tradicional como ativo e passivo. Assim, o ativo da moral e o passivo da não moral para o ser humano, o ativo de cultura e o passivo de barbárie, estendendo o método contábil até aos elementos univérsicos, dizendo que uma estrela também tem a sua parte ativa, passiva, e diferencial, esta seria a posição do grande gigante Francisco D`Auria. Claro que só concreta na extra-lógica.



Consequentemente, colocando a contabilidade como ciência, a define como aplicada, social e cultural, pois, possui ela a sua parte técnica, cujas concretizações melhoram o bem-estar humano e a prosperidade social, por meio de seu objeto, mas como ela tem os melhores conhecimentos científicos, e para a tradição humana, deixando ela muito bem colocada como ciência cultural.

A definição do ilustre mestre permite pois uma agregação na teoria geral da nossa ciência, deixando-a com um porte muito mais elevado, além disso podemos dizer que gera efeitos importantes nos entendimentos de nosso saber, como imprescindível para quaisquer comunidades, destarte respondemos a nossa problemática, e ainda, conseguimos tecer que esta consideração do mestre García-Casella, pode e deve ser aceita, sem contar que deve ser melhorada ou agregada para deixar sempre a contabilidade com melhores definições para a prosperidade patrimonial e social em suas aplicações, e respaldos para evolução da cultura humana, pois, é mister também à sua natureza, ser cultural, ou ser uma cultura.





Referenciais bibliográficos

1. Amaduzzi, A. y Amaduzzi, A. (2002). *L'azienda nel suo sistema operante*. 9ª ed. UTET Libreria. 347 pp.
2. Amorim, J. (1996). *Aparências e Realidades*. *Revista de Contabilidade e Comércio*, (211).
3. Besta, F. (1922). *La Ragioneria*. 2a ed. Cada editrice Dottor Francesco Vallardi. 520 pp.
4. Bornaccini, G. (1818). *Idee teoretiche d pratiche di Ragionateria e di doppia registrazione*. Per marsoner e Grandi. 418 pp.
5. Bunge, M. (1987). *Epistemologia: Curso de atualização*. 2a ed. T.A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo. 23 pp.
6. Carqueja, H. (1987). *Do saber da profissão às doutrinas da academia*. *Revista de Contabilidade e Comércio*, 59, 234-235.
7. Carqueja, H. (2010). *Arte da Escritura Dobrada que ditou na aula do comércio João Henrique de Sousa copiada para instrução de José Feliz Venâncio Coutinho no ano de 1765*. *Fac-simile e Leitura*. OTOC. 366 pp.
8. Cecherelli, A. (1950). *Il Linguaggio dei Bilanci*. 5a ed. Felice Le Monnier. 543 pp.
9. Cerboni, G. (1886). *La ragioneria scientifica e le sue relazione colle discipline amministrative e sociali (v. 1, Prolegomini)*. Ermanno Loescher & C. 368 pp.
10. Cerboni, G. (1894). *La ragioneria scientifica e le sue relazione colle discipline amministrative e sociali (v. 2, Prolegomini)*. Ermanno Loescher & C. 294 pp.
11. Chaves-da Silva, R. A. (2009). *Filosofia da Contabilidade*. *Revista Contabilidade e informação*. 12(31).
12. Chaves-da Silva, R. A. (2013). *Os fundamentos científicos da contabilidade: análise da tese de Hilário Franco defendida no V Congresso Brasileiro de Contabilidade em 1950*. *Contaduría Universidad de Antioquia*, (62), 163-214. <https://revistas.udea.edu.co/index.php/cont/article/view/18916>
13. Chaves-da Silva, R. A. (2009). *Evolução Doutrinária da Contabilidade*. Juruá. 292 pp.
14. Chaves-da Silva, R. A. (2012). *Introdução à Moderna Contabilidade Geral*. Juruá. 252 pp.
15. Chaves-da Silva, R. A. (2015). *Neopatrimonialismo e conhecimento contábil*. Juruá 279 pp.
16. Cripa, L. G. (1838). *La scienza dei conti (l' arte de tenere i registri e compilare i bilanci di ogni azienda)*. Per G. B. Bianchi e Comp. 178 pp.
17. D'anastasio, N. (1803). *La scrittura doppia ridotta scienza*. V. I e II. Appresso Niccolo Glichì. 378 pp.
18. D'Auria, F. (1949). *Primeiros Princípios de Contabilidade Pura*. Companhia Editora Nacional. 525 pp.
19. D'Auria, F. (1954). *Contabilidade Integral*. Conferência Interamericana de Contabilidade. São Paulo: FCE.
20. Dias, F. C. (1944). *A técnica da Leitura dos Balanços*. 2ª ed. Livraria Moraes. 224 pp.
21. Diniz, M. H. (1982). *A ciência Jurídica*. *Resenha Universitária*. 211 pp.
22. Ferreira-dos Santos, M. (1962). *Tratado de economia*. V. I e II. Logos. 226 pp.
23. Ferreira-dos Santos, M. (1958). *Teoria do conhecimento*. 1ª ed. Logos. 260 pp.
24. Ferreira-dos Santos, M. (1959). *Filosofia Concreta*. 2ª ed. Logos. 216 pp.



25. Ferreira-dos Santos, M. (1956). *Tratado de Simbólica*. Logos. 269 pp.
26. Ferreira-dos Santos, M. (1955). *Filosofia e Cosmovisão*. 2ª ed. Logos. 268 pp.
27. Ferreira-dos Santos, M. (1962). *Métodos Lógicos e Dialéticos*. V. I a III. 3ª ed. Logos. 218 pp.
28. Ferreira-dos Santos, M. (2012). *Invasão Vertical dos Bárbaros. É realizações*. 168 pp.
29. Franco, H. (1950). *Fundamento Científico da Contabilidade*. Ed. Revisora Gramatical. 498 pp.
30. García, C. E. (2004). Una discusión crítica sobre el carácter científico de la Contabilidad. *Lúmina*, (5), 61-76.
31. García-Casella, C. L. (1997a). Naturaleza de la contabilidad. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 3(5), 12-37.
32. García-Casella, C. L. (1997b). Necesidad de Datos contables no financeiros para tomar decisiones financieras. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 4 (7), 13-35.
33. García-Casella, C. L. (1997c). Algunos supuestos no económicos de la teoría general contable. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 3 (6), 39-68.
34. García-Casella, C. L. (1998). Aportes a la solución del problema conceptual de la contabilidad. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 4 (8), 44-70.
35. García-Casella, C. L. (2000). Fundamentación científica de la relación entre modelos y sistemas contables. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 6 (11), 6-16.
36. García-Casella, C. L. (2003). Apuntes sobre dificultades en materia de modelización contable. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 9 (18), 3-14.
37. García-Casella, C. L. (2004). Investigación básica y aplicada en contabilidad. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 10 (20), 3-14.
38. García-Casella, C. L. (2005). La tesis en el saber contable. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 11 (21), 2-9.
39. García-Casella, C. L. (2006). Modelizar como principiantes en la disciplina contabilidad. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 12 (24), 1-10.
40. García-Casella, C. L. (2007). El enfoque científico de la contabilidad como aporte al desarrollo de la economía humana a nivel internacional. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 13 (26), 39-51.
41. García-Casella, C. L. (2008). Necesidad de reconstruir la teoría de la contabilidad financiera. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 14(27), 23-50.
42. García-Casella, C. L. (2011). Diálogo sobre la contabilidad con el colega Hugo Ricardo Arreghini. *Revista de Contabilidad y Auditoría*, 17 (34), 10-25.
43. García-Casella, C. L. (2012). La persona humana y la ciencia factual cultural aplicada llamada contabilidad. *Teuken Bidikay* 3 (3), 25-36.
44. Hegenberg, L. (1974). *Definições: termos teóricos e significado*. Cultrix da Universidad de São Paulo. 136 pp.
45. Hugon, P. (1976). *História das doutrinas econômicas*. 13ª ed. Atlas. 467 pp.
46. Koliver, O. (1971). *Estrutura e Análise de Balanços*. 4ª ed. Staff Editora. 270 pp.
47. Koliver, O. (2009). *Contabilidade de Custos*. Juruá. 295 pp.
48. Masi, V. (1955). *Filosofia della Ragioneria*. Dott. Cesare Zuffi – Editore. 96 pp.
49. Masi, V. (1962). *Teoría y Metodología de la Contabilidad*. Editorial EJES. 272 pp.
50. Masi, V. (1946). *Principi di scienza delle aziende*. Cedam. 254 pp.



51. Masi, V. (1971). *La Scienza del Patrimônio*. Nicola Milano Editore. 575 pp.
52. Masi, V. (1927). *La ragioneria come scienza del patrimônio*. 1ª ed. Dottore Antonio Milani. 323 pp.
53. Monteiro, M. N. (1968). *Economia e Contabilidade das unidades de Consumo*. Coleção "Economia e Finanças". Portugalíia Editora. 485 pp.
54. Nascimento, J. A. (1989). *Princípio único e unificador (essencial e global)*. Revista Brasileira de Contabilidade, 19 (71).
55. Nascimento, J. O. (1975). *Contabilidade*. 2ª ed. Ed. do autor (Edição Particular). 362 pp.
56. Noble, H. S. (1949). *Princípios de Contabilidade*. W. M. Jackson. 1166 pp.
57. Onida, P. (1951). *Le discipline econômico-aziendali*. 2ª ed. Dott. Guiffre. 380 pp.
58. Pauli, E. (1976). *Manual de Metodologia Científica*. Ed. Resenha Universitária. 240 pp.
59. Pirla, J. M. (1965). *Teoría Económica de la Contabilidad*. 4ª ed. P. Lopes. 496 pp.
60. Poisl, E. A. (1996). *A contabilidade como doutrina científica*. Ed. do autor (Edição Particular). 125 pp.
61. Pooper, K. R. (1978). *Lógica das ciências sociais*. 1a ed. Tempo universitário. 17 pp.
62. Prina, G. (1961). *Ragioneria Generale*. 5ª ed. Cedam. 589 pp.
63. Reale, M. (2002). *Filosofia do Direito*. 20ª ed. Saraiva. 781 pp.
64. Rossi, G. (1882). *L'ente Econômico-amministrativo*. Stabilimento Tipo-Litografico Degli Artigianelli. Vol I.
65. Sá, A. L. (1997). *História Geral e das Doutrinas da Contabilidade*. Atlas. 190 pp.
66. Sá, A. L. (1961). *História da Contabilidade*. 3 V. Ed. Presidente. 280 pp.
67. Sá, A. L. (1994). *Autonomia e qualidade científica da contabilidade*. Belo Horizonte: CRCMG.
68. Sá, A. L. (1999). *Teoria da Contabilidade*. Atlas. 448 pp.
69. Sá, A. L. (1953). *Filosofia da Contabilidade*. Ed. Aurora.
70. Sá, A. L. (2000). *Princípios Fundamentais de Contabilidade*. Atlas. 260 pp.
71. Sá, A. L. (1992). *Teoria geral do conhecimento contábil*. IPAT-UNA. 264 pp.
72. Valle, F. (1973). *As tendências positivas do Prof. Francisco D`Auria*. Revista Paulista de Contabilidade, 51(440).
73. Viana, C. R. (1962). *O estudo da Gestão na contabilidade*. Imprensa Universitária. 287 pp.
74. Viana, C. R. (1971). *Teoria Geral da Contabilidade*. Volume I, 5a ed. Livraria Sulina Editora. 356 pp.
75. Zappa, G. (1950). *Il Rédito di Impresa*. 2ª ed. Dott. A. Giuffrè – Editore. 647 pp.
76. Zappa, G. (1957). *Le produzioni: Nell'economia delle imprese*. Dott. A. Giuffrè – Editore. 750 pp.

Para citar
este artigo:

Chaves da Silva, R. A. (2020). A contabilidade como ciência cultural. Considerações sobre o conceito doutrinal de Carlos García-Casella. *Teuken Bidikay*, 11 (17). Pp. 33-50. doi: 10.33571/teuken.v11n17a1

Ge: AMV

*“Dentro do riso torto que disfarça
a amargura da tua indiferença,
na mágica eletrônica dourada,
no milagre que acende os altos-fornos,
no desamor das mãos, das tuas mãos,
no engano diário, pão de cada noite,
o homem agora está, o homem autômato,
servo soturno do seu próprio mundo,
como um menino cego, só e ferido,
dentro da multidão.*

Ainda é tempo.

*Sei por que canto: se raspas o fundo
do poço antigo da tua esperança,
acharás restos de água que apodrece.
É preciso fazer alguma coisa,
livrá-lo dessa situação voraz
da engrenagem organizada e fria
que nos devora a todos a ternura,
a alegria de dar e receber,
o gosto de ser gente e de viver.”*

Thiago de Mello

Brasil

